

Scientific Electronic Archives

Issue ID: Sci. Elec. Arch. Vol. 11 (4)

August 2018

Article link

<http://www.seasinop.com.br/revista/index.php?journal=SEA&page=article&op=view&path%5B%5D=520&path%5B%5D=pdf>

Included in DOAJ, AGRIS, Latindex, Journal TOCs, CORE, Discoursio Open Science, Science Gate, GFAR, CIARDRING, Academic Journals Database and NTHRYS Technologies, Portal de Periódicos CAPES.



O papel do enfermeiro no atendimento de urgência e emergência: uma revisão de literatura

The role of nurses in urgency and emergency care: A review of literature

P. R. Souza, H. O. Chagas

Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Sinop

Author for correspondence: patriciareisenfermagem@hotmail.com

Resumo: A inserção do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar do Brasil possibilitou a estes profissionais mudanças e ampliação de sua atuação, na maioria das vezes, ainda vinculadas exclusivamente aos aspectos assistenciais. Diante deste cenário, este estudo tem como objetivo descrever o papel do enfermeiro no atendimento de urgência e emergência. O presente estudo possui caráter descritivo e exploratório, realizado por meio de pesquisa bibliográfica. Para tanto, foram selecionados 20 referências relacionadas ao objeto do estudo, publicados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), especificamente nas bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *PubMed*, *MEDLINE* e na *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, de janeiro de 2000 até dezembro de 2015. Os resultados demonstraram que a atuação do enfermeiro na Urgência e Emergência ultrapassa as dimensões do cuidado prestado diretamente ao paciente, pois, suas práticas também envolvem ações de gerenciamento, avaliação, acolhimento e capacitação de recursos humanos. Apenas um artigo investigou as etapas do atendimento e os principais riscos e consequências que os enfermeiros estão expostos ao trabalhar na urgência e emergência foram a contaminação com material biológico e estresse, entretanto, podem apresentar risco cardiovascular e sintomas auditivos. Por fim, ressaltamos que é de suma importância que os enfermeiros tenham consciência do seu papel na prestação de um cuidado de qualidade e integral aos pacientes, que deve compreender tanto a assistência e gestão do serviço, como também estratégias de prevenção de acidentes com material biológico.

Palavras-chave: Enfermagem, atendimento pré-hospitalar, urgência e emergência.

Abstract: The insertion of the nurse in the prehospital care of Brazil made it possible for these professionals to change and expand their role, most of the times, still related exclusively to the care aspects. Given this scenario, this study aims to describe the role of nurses in urgency and emergency care. The present study has a descriptive and exploratory character, carried out through bibliographical research. In order to do so, 20 references related to the subject of the study, published in the Virtual Health Library (VHL), were selected, specifically in the Latin American and Caribbean Health Sciences (LILACS), *PubMed*, *MEDLINE* and *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, from January 2000 to December 2015. The results showed that the nurse's role in Urgency and Emergency care exceeds the dimensions of care provided directly to the patient, since their practices also involve management and training of human resources. Only one article investigated the stages of care, and the main risks and consequences that nurses are exposed to when working in the urgency and emergence were contamination with biological material and stress, however, they may present cardiovascular risk and auditory symptoms. Finally, we emphasize that it is of paramount importance that nurses are aware of their role in providing quality and integral care to patients, which should include both service assistance and management, as well as strategies for the prevention of accidents with biological material.

Keywords: Nursing, pre-hospital care, urgency and emergency

Introdução

O atendimento pré-hospitalar (APH) é um serviço de saúde no Brasil que teve início na década de 90. Este serviço ganhou força e responsabilidade na área da saúde, por meio das normatizações do Ministério da Saúde, as quais

promoveram a implantação de protocolos assistenciais sob coordenação do profissional médico, seguindo o modelo clínico de atenção à saúde (Pereira & Lima, 2009).

O Ministério da saúde define o atendimento pré-hospitalar como a assistência

prestada aos pacientes portadores de quadros agudos, de natureza clínica, traumática ou psiquiátrica, em um primeiro nível de atenção à saúde, os quais acontecem em ambiente extra-hospitalar, que podem ou não gerar sequelas ou até mesmo levar ao óbito (Brasil, 2003).

Deste modo, a atuação do enfermeiro no APH não se restringe apenas à assistência direta ao paciente grave sob risco de morte, pois a assistência de enfermagem neste sistema também compreende atividades educativas como instrutor, contribuir com a revisão dos protocolos de atendimento, elaboração de material didático, atuação junto à equipe multiprofissional na ocorrência de calamidades e acidentes de grandes proporções, além de liderar e coordenar a equipe envolvida (Wehbe & Galvão, 2005).

A inserção do enfermeiro no APH do Brasil possibilitou a esta categoria de profissionais mudanças e ampliação de sua atuação, na maioria das vezes, ainda vinculadas exclusivamente aos aspectos assistenciais (Ramos & Sanna, 2005). Após a década de 90, o enfermeiro passou a ser um participante ativo da equipe, assumindo a responsabilidade pela assistência prestada às vítimas, assim como os outros membros (Wehbe & Galvão, 2005). Portanto, entre as competências do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar vale destacar o raciocínio clínico para a tomada de decisão e a habilidade para executar as intervenções prontamente. O desenvolvimento dessas habilidades culmina com a necessidade de qualificação profissional para atender as especificidades da assistência de enfermagem durante o atendimento pré-hospitalar ou na remoção inter-hospitalar, visando prevenir agravos, proteger e recuperar a saúde da vítima (Gentil & Whitaker, 2008).

Diante deste cenário, este estudo tem como objetivo descrever o papel do enfermeiro no atendimento de urgência e emergência.

Métodos

O presente estudo possui caráter descritivo e exploratório, realizado por meio de pesquisa bibliográfica. Para alcançar os objetivos do estudo, foram selecionados artigos da literatura nacional ou internacional, publicados em português, inglês ou espanhol, por meio dos resumos

disponibilizados na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), especificamente nas bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *PubMed*, *MEDLINE*, e na *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*. A busca de artigos foi realizada de janeiro de 2000 até dezembro de 2015 e a redação do artigo de agosto de 2016 a janeiro de 2017.

Para busca de artigos, foram utilizados, os termos: “enfermagem”, “atendimento pré-hospitalar”, “urgência” e “emergência”, conforme os Descritores em Ciência da Saúde (DeCS/BIREME).

O levantamento dos dados foi realizado em 4 fases: 1) leitura exploratória; 2) leitura seletiva, pela leitura do título e resumo para identificação dos artigos que correspondem aos objetivos do estudo; 3) leitura analítica, visando ordenar as informações detectadas nos artigos encontrados; 4) leitura interpretativa, com vistas à compreensão do material selecionado e à construção do referencial teórico para análise.

A partir da busca bibliográfica para levantamento dos dados, seguindo os descritores e bases de dados citados, foram pré-selecionados 34 artigos referentes ao assunto. Após leitura seletiva encontrou-se 20 referências relacionadas ao objeto do estudo.

Por fim os resultados e a discussão dos dados obtidos foram apresentados de forma descritiva, onde as áreas temáticas relacionadas aos objetivos do estudo foram divididas em 3 categorias (1. Principais áreas de atuação do enfermeiro no atendimento de urgência e emergência; 2. Etapas do atendimento de urgência e emergência e 3. Riscos e consequências que os enfermeiros emergencistas estão expostos), visando propiciar ao leitor maior clareza na avaliação da aplicabilidade do estudo.

Contextualização e Análise

Principais áreas de atuação do enfermeiro no atendimento de urgência e emergência

Ao investigar as principais áreas de atuação do enfermeiro no atendimento de urgência e emergência, foi possível observar que este profissional possui uma imensa gama de ações dentro desta área de assistência, conforme destacado na tabela abaixo.

Tabela 1: Principais áreas de atuação do enfermeiro no atendimento de urgência e emergência.

Autor, ano	Periódico	Áreas de atuação citadas
Tacsi, 2004	Revista Latino-americana de Enfermagem	- Planejamento da assistência à criança na sala de emergência; - Admissão e avaliação da criança na sala de emergência; - Assistência à criança e sua família; - Capacitação para o atendimento na sala de emergência.
Gentil, 2008	Revista Latino-americana de Enfermagem	- Reanimação Cardiopulmonar (RCP); - Oxigenoterapia; - Monitorização cardíaca; - Colocação de prancha longa; - Administração de medicação; - Punção de acesso venoso periférico.

Mattos, 2011	Revista Brasileira de Promoção da Saúde	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação primária (ABCDE); - Avaliação secundária minuciosa da vítima de politraumatismo; - Agilizar o atendimento; - Realização imediata dos exames solicitados; - Acolhimento à vítima e seus familiares.
Pai, 2011	Revista da Escola de Enfermagem Ana Nery	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento e classificação de risco.
Adão, 2012	REME – Revista Mineira de Enfermagem	<ul style="list-style-type: none"> - Reanimação e estabilização do paciente no local de ocorrência e durante o transporte para o pré-atendimento fixo; - Educação e capacitação dos recursos humanos; - Elaboração de protocolos de atendimento; - Gerência e atividades administrativas.
Jorge, 2012	Revista da Escola de Enfermagem Ana Nery	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação do paciente; - Aferição dos SSVV; - Administração de medicações e soroterapia; - Monitorização do paciente; - Treinar/capacitar os funcionários da equipe de enfermagem; - Oximetria de pulso; - Glicemia; - Oxigenoterapia; - Organização prévia dos recursos humanos, materiais e estruturais; - Sincronizar os cuidados prestados pela equipe como um todo.
Azevedo, 2013	<i>Investigación y Educación en Enfermería</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Previsão e provisão de recursos humanos e materiais; - Ações que articulam a equipe; - Organizar e garantir o cuidado, de modo a oferecer cuidado integral.
Neto, 2013	Revista de Enfermagem da UFSM	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento e classificação de risco.
Alves, 2013	Revista de Enfermagem da UFPE <i>on line</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Reserva de leitos; - Proporcionar repouso no leito e a diminuição do nível de ansiedade; - Preparar os materiais necessários para os exames; - Encaminhamento para a avaliação do médico; - Eletrocardiograma e monitorização cardíaca; - Agilizar a realização dos exames laboratoriais; - Fornecimento de um suporte ventilatório ao paciente com IAM; - Preparar materiais para intubação orotraqueal e auxílio no procedimento; - Garantir de um acesso venoso e administração de medicamentos.
Montezeli, 2013	<i>Journal of Research Fundamental care on line</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Gerenciamento da unidade e da equipe.
Gehlen, 2013	<i>Revista Investigación y Educación en Enfermería</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Cuidados: avaliação de risco e classificação e registro de dados clínicos; - Gestão: organização de turnos de distribuição de tarefas, processamento de dados e fornecimento de materiais; - Encaminhamento dos usuários aos níveis de atenção apropriados como meta de seu trabalho; - Tomada de decisão clínica, escuta e monitoramento e protocolo de avaliação de risco.
Zambiasi, 2014	Revista de Administração em Saúde - RAS	<ul style="list-style-type: none"> - Supervisão e assistência direta ao paciente; - Coordenação de escala; - Gerenciamento da parte que tange equipamentos, material, espaço físico; - Distribuição de atividades para atendimentos; - Organização do setor, relacionamento interpessoal entre a equipe para evitar atritos, recursos materiais, encaminhamentos, avaliação dos funcionários.
Caveião, 2014	Revista de Enfermagem do Centro-oeste Mineiro	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação dos sintomas e histórico breve; - Eletrocardiograma; - Monitorização cardíaca. - Coleta de enzimas cardíaca; - Instalação oxigênio; - Glicemia capilar; - Punção venosa periférica de grosso calibre.
Oliveira, 2015	<i>Revista Investigación y Educación en Enfermería</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Gerenciamento do cuidado.

Fonte: Autoria própria.

Ao avaliar os 14 artigos descritos na tabela 1, observou-se que a área de atuação mais citada pelos autores foi a de assistência direta aos pacientes, que está relacionada à realização de procedimentos durante o atendimento de urgência e emergência (64,28% dos artigos avaliados). Além disso, verificou-se que 50% dos artigos citaram ações relacionadas ao gerenciamento do cuidado (recursos humanos, materiais e estruturais), 35,71% referem-se a avaliação do paciente e 21,42% citaram acolhimento e capacitação da equipe de enfermagem.

Em 2005, Ramos & Sanna demonstraram, em uma revisão bibliográfica, que devido a maior complexidade do atendimento de suporte avançado de vida que abrange manobras invasivas no atendimento pré-hospitalar, a atuação do enfermeiro se relacionava principalmente à assistência direta às vítimas graves como risco de morte eminente. No entanto, estes autores também observaram que a atuação do enfermeiro não se restringia apenas a assistência direta, uma vez que este profissional além de prestar socorro às vítimas em situação de emergência, também desenvolvia atividades relacionadas à educação e instrução da equipe técnica.

Mais recentemente, vários estudos têm demonstrado que a assistência de enfermagem em urgência e emergência compreende tanto o cuidado direto aos pacientes e seus familiares como a gestão de recursos humanos e materiais. Todavia, estas ações se entrelaçam às práticas que articulam todos os profissionais da equipe, de acordo com as necessidades de saúde dos usuários do serviço, possibilitando assim a organização e garantia do cuidado integral e de qualidade às vítimas (Azevedo, 2013; Montezeli, 2013; Alves, 2013).

É importante ressaltar, que as ações do enfermeiro em unidades de urgência e emergência estão diretamente relacionadas à necessidade do paciente, objetivando a melhora do seu quadro clínico e prevenção de agravos à saúde. Neste contexto, Mattos (2011) demonstrou que a assistência de enfermagem prestada a indivíduos vítimas de politraumatismo compreende a avaliação primária seguindo a sequência da regra do ABCDE, avaliação secundária detalhada, agilizar o atendimento do paciente, realizar exames solicitados imediatamente e acolher a vítima e seus familiares. Por outro lado, para o paciente vítima de infarto agudo do miocárdio (IAM) a assistência de enfermagem se relaciona a reserva de leito, proporcionar repouso e diminuição da ansiedade, preparar materiais para exames solicitados e para intubação orotraqueal, realizar eletrocardiograma (ECG) e monitorização cardíaca, agilizar exames laboratoriais solicitados, fornecimento de suporte ventilatório, punção de acesso venoso periférico e garantir a administração de medicações prescritas (Alves, 2013).

Para Adão & Santos (2012) as ações do enfermeiro na unidade básica e avançada de saúde no atendimento pré-hospitalar móvel estão relacionadas a realização da reanimação cardiopulmonar (RCP) e na estabilização do paciente no local da ocorrência e durante o transporte até o local de atendimento fixo. Já para o paciente com dor torácica em unidade de pronto atendimento a atuação do enfermeiro inclui avaliação dos sintomas e histórico breve, realização do ECG e monitorização cardíaca, coleta de amostra de sangue para dosagem de enzimas cardíacas, fornecimento de oxigênio, teste de glicemia capilar e punção de acesso venoso periférico calibroso (Caveião, 2014). Todos estes estudos demonstram que as dimensões do cuidado prestado pelo enfermeiro variam de acordo com a realidade do paciente e também é possível perceber o quanto a atuação do enfermeiro na urgência e emergência é diversificada e por isso requer deste profissional uma constante qualificação e capacitação.

Atualmente, as pesquisas já demonstram que o enfermeiro está inserido na elaboração de protocolos de atendimento, nos projetos de educação continuada e capacitação dos recursos humanos, no gerenciamento das unidades e nas atividades administrativas do serviço de saúde de urgência e emergência (Adão, 2012; Montezeli, 2013; Zambiasi, 2014).

Etapas do atendimento de urgência e emergência

Devido a sua alta complexidade, o atendimento de Urgência e Emergência requer uma abordagem sistematizada, a fim de promover uma assistência adequada aos pacientes. Neste contexto, alguns órgãos nacionais e internacionais, como Ministério da Saúde (MS) e Comitê de Suporte à Vida no Trauma Pré-hospitalar (*Prehospital Trauma Life Support – PHTLS*), desenvolvem protocolos e diretrizes que normatizam as práticas e possibilitam que o atendimento seja mais seguro e eficaz (Mattos, 2011).

Ao realizar a busca bibliográfica nas bases de dados propostas anteriormente no método, verificou-se apenas um autor que descreveu e avaliou a compreensão de enfermeiros em relação às etapas de atendimento prestadas às vítimas de politraumatismo no serviço de emergência de um hospital de Santa Catarina (Mattos, 2011). Mattos (2011) utilizou como base teórica a regra do ABCDE na avaliação primária, sistematizada pelo PHTLS e o Protocolo de Atendimento nas Unidades de Urgência e Emergência do Ministério da Saúde. Seus resultados demonstraram que a maioria dos enfermeiros entrevistados compreendia a sequência mnemônica do ABCDE, no entanto, nem todos os profissionais utilizavam este protocolo como

estratégia no atendimento aos indivíduos politraumatizados.

A regra do ABCDE constitui-se de um método de atendimento que segue a seguinte sequência: A (*Air Way*) – permeabilidade das vias aéreas com estabilização da coluna cervical; B (*Breathing*) – respiração; C (*Circulation*) – busca de sangramentos e controle de hemorragia; D (*Disability*) – avaliação neurológica; e E (*Exposure*) – exposição corporal da vítima em busca de lesões e posterior aquecimento para prevenção da hipotermia e choque (Naemt, 2007). Já se sabe que ao seguir a regra do ABCDE os profissionais conseguem prestar uma assistência mais organizada e conseqüentemente mais rápida e eficaz à vítima de trauma (Brasil, 2003), no entanto, pela nossa pesquisa bibliográfica foi possível

observar que há poucos artigos publicados que relacionam a utilização desta prática com as ações da equipe de enfermagem.

Riscos e conseqüências que os enfermeiros emergencistas estão expostos

Ao investigar os riscos e conseqüências que os enfermeiros emergencistas estão expostos ao trabalhar no atendimento de urgência e emergência, foi possível observar que este profissional está exposto principalmente à contaminação com material biológico e ao estresse, entretanto, pode também apresentar risco cardiovascular e sintomas auditivos quando se refere aos profissionais que trabalham no atendimento móvel de emergência, conforme descrito na tabela 2.

Tabela 2: Principais riscos e conseqüências da atuação do enfermeiro no atendimento de urgência e emergência.

Autor, ano	Periódico	Riscos e conseqüências
Pai, 2011	Revista da Escola de Enfermagem Ana Nery	- Estresse psicológico.
Cavagioni, 2012	Revista da Escola de Enfermagem da USP	- Risco cardiovascular.
Tipple, 2013	Revista Brasileira de Enfermagem	- Acidentes envolvendo material biológico.
Oliveira, 2013	Revista Latino-americana de Enfermagem	- Acidentes por exposição à material biológico.
Martins, 2014	Revista de Enfermagem UERJ	- Contaminação biológica; - Exposição às agressões físicas e verbais; - Estresse.
Andrade, 2014	Revista Mineira de Enfermagem	- Estresse ocupacional.
Oliveira, 2015	CoDAS – Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia	- Zumbido no ouvido, intolerância a sons intensos e plenitude auricular; - Irritabilidade, dor de cabeça, dificuldade de conversar em ambiente ruidoso e alteração do sono.

Fonte: Autoria própria.

Vale ressaltar um dado interessante encontrado por Tripple e colaboradores (2013) em seu estudo de avaliação de acidentes com material biológico no atendimento pré-hospitalar móvel. Esta pesquisa mostrou que houve uma alta prevalência de acidentes com material biológico, além disso, foi observado que entre os 73 acidentes, a maioria envolveu profissionais enfermeiros (28,7%), seguidos por médicos (26,1%), técnicos em enfermagem (26,1%), socorristas (15,0%) e condutores (4,1%). Outro estudo realizado por Martins e cols (2014) demonstrou que a equipe de enfermagem de um pronto socorro conhece os riscos de contaminação biológica a que estão expostos durante o atendimento e também sabem da importância de utilizar medidas de autoproteção, no entanto, relatam que negligenciam as medidas de biossegurança devido às situações de urgência/emergência e por falta de tempo.

O uso de equipamentos de segurança, conhecidos como equipamentos de proteção individual (EPI) é regulamentado pela NR115, que obriga o trabalhador a utilizar todos os EPIs

necessários para o desenvolvimento seguro de suas atividades, diminuindo ao máximo a exposição ocupacional. Os EPIs devem ser disponibilizados pela instituição, a qual deve supervisionar a obrigatoriedade do seu uso. No entanto, ainda há resistência ao uso destes equipamentos pelas equipes de trabalho (Loro et al., 2016). Neste contexto, observa-se a necessidade de desenvolver ações educativas permanentes que envolvam a equipe de enfermagem, com o objetivo de criar estratégias de prevenção e medidas de proteção à saúde na perspectiva dos riscos ocupacionais durante o atendimento de urgência e emergência.

Este estudo demonstrou que o estresse foi citado como risco ocupacional por quatro autores. Pai (2011) observou que o profissional de enfermagem está sujeito ao sofrimento relacionado ao trabalho que executa no setor de acolhimento e classificação de risco, que torna este profissional vulnerável ao estresse psicológico. Martins e cols (2014) também observaram que os enfermeiros emergencistas vivenciam situações de estresse

ocupacionais devido aos riscos de contaminação e pela exposição às agressões físicas e verbais dos usuários do serviço de emergência. Oliveira et al. (2015) descreveram que os ruídos inerentes ao serviço móvel de emergência predispõem a irritabilidade dos profissionais destas unidades de atendimento gerando uma situação de estresse. Já Andrade e Siqueira (2014) verificaram que a equipe do SAMU da cidade de Marília não apresentou evidências de alto estresse relacionado ao trabalho, todavia, o nível de estresse nesta equipe foi mais evidenciado quando relacionado ao maior tempo de trabalho.

Considerações finais

De modo geral os resultados desta pesquisa bibliográfica demonstraram que o papel do enfermeiro no atendimento de urgência e emergência não se restringe apenas a assistência prestada diretamente ao paciente e seus familiares, mas compreende também as práticas de gerenciamento, avaliação da vítima, acolhimento e capacitação de recursos humanos, com o objetivo primordial de prestar um cuidado integral, humanizado e eficaz a estes pacientes.

Ao buscar descrever as principais etapas do atendimento de emergência vimos que os estudos envolvendo a equipe de enfermagem e as etapas de atendimento na urgência e emergência são muito escassos e limitados apenas a um tipo de atendimento (trauma). Assim, sugere-se que a comunidade científica da área de enfermagem reforce a produção de referencial teórico de qualidade com o objetivo de incentivar a utilização de protocolos de atendimento que beneficiariam tanto as equipes de saúde como também os pacientes.

Ao avaliar os riscos e consequências a que estão expostos os enfermeiros emergencistas devido à realização de seus trabalhos foi possível demonstrar que estes profissionais estão expostos principalmente à contaminação com material biológico e ao estresse, entretanto, podem também apresentar risco cardiovascular e sintomas auditivos.

Por fim, acredita-se que este estudo irá contribuir de maneira significativa na atuação dos enfermeiros no atendimento de urgência e emergência, ressaltando que é de suma importância que todos estes profissionais tenham consciência do seu papel na prestação de um cuidado de qualidade e integral aos pacientes, que deve compreender tanto a assistência e gestão do serviço, como também estratégias de prevenção de acidentes com material biológico.

Referências

ADÃO, R. S., SANTOS, M. R. Atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar móvel. *Revista Mineira de Enfermagem*. V. 16, n.4, p.601 – 608, 2012.

ALVES, T. E., et al. Atuação do enfermeiro no atendimento emergencial aos usuários acometidos de infarto agudo do miocárdio. *Revista de Enfermagem da UFPE*. V. 7, n.1, p. 176 – 183, 2013.

ANDRADE, M. C. M., SIQUEIRA JÚNIOR, A. C.. Estresse ocupacional no serviço de atendimento móvel de urgência. *Revista Mineira de Enfermagem*. V. 18, n.2, p. 376 – 383, 2014.

AZEVEDO, A. L. C. S., SCARPARO, A. F., CHAVES, L. D. P. Nurses' care and management actions in emergency trauma cases. *Investigación y Educación en Enfermería*. V. 31, n.1, p. 36 – 43, 2013.

BRASIL, Ministério da Saúde. Política nacional de atenção às urgências. Série E. Legislação de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

CAVAGIONI, L., PIERIN, A. M. G. Risco cardiovascular em profissionais de saúde de serviços de atendimento pré-hospitalar. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. V. 46, n.2, p. 395-403, 2012.

CAVEIÃO, C., et al. Dor torácica: atuação do enfermeiro em um pronto atendimento de um hospital escola. *Revista de Enfermagem do Centro-oeste Mineiro*. V. 4, n.1, p. 921 – 928, 2014.

CONDORIMAY, Y. R. T., VENDRUSCOLO, D. M. S. A assistência de enfermagem no serviço de emergência pediátrica. *Revista Latino-americana de Enfermagem*. V. 12, n. 3, p. 477 – 484, 2004.

GEHLEN, G. C., LIMA, M. A. D. S. Nursing work in care practice at Emergency Care Units in Porto Alegre/RS. *Revista Investigación y Educación en Enfermería*. V. 31, n. 1, p. 26 – 35, 2013.

GENTIL, R. C., RAMOS, L. H., WHITAKER, I. Y. Capacitação de enfermeiros em atendimento pré-hospitalar. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. V. 16, n. 2, p. 192 – 197, 2008.

JORGE, V. C., et al. Equipe de enfermagem e detecção de indicadores de agravamento em pacientes de pronto-socorro. *Revista da Escola de Enfermagem Ana Nery*. V. 16, n. 4, p. 767 – 774, 2012.

LORO, M. M., et al. Desvelando situações de risco no contexto de trabalho da Enfermagem em serviços de urgência e emergência. *Revista da Escola de Enfermagem Ana Nery*. V. 20, n. 4, p. 1 – 8, 2016.

- MARTINS, J. T., et al. Equipe de enfermagem de emergência: riscos ocupacionais e medidas de autoproteção. *Revista de Enfermagem UERJ*. V. 22, n. 3, p. 334 – 340, 2014.
- MATTOS, L. S., SILVÉRIO, M. R. Avaliação do indivíduo vítima de politraumatismo pela equipe de Enfermagem em um serviço de emergência de Santa Catarina. *Revista Brasileira de Promoção da Saúde*. V. 25, n. 2, p. 182 – 191, 2011.
- MONTEZELI, J. H., PERES, A. M., BERNARDINO, E. Nurse management skills required at an emergency care unit. *Journal of Research Fundamental Care*. V. 5, n. 3, p. 245 – 252, 2013.
- NAEMT - National Association of Emergency Medical Technicians. PHTLS: atendimento pré-hospitalar ao traumatizado. 6ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- NETO, A. V. L., et al. Acolhimento e humanização da assistência em pronto-socorro adulto: percepções de enfermeiros. *Revista de Enfermagem da UFSM*. V. 3, n. 2, p. 276 – 286, 2013.
- OLIVEIRA, A. C., PAIVA, M. H. R. S. Análise dos acidentes ocupacionais com material biológico entre profissionais em serviços de atendimento pré-hospitalar. *Revista Latino-americana de Enfermagem*. V. 21, n. 1, p. 1 – 7, 2013.
- OLIVEIRA, R. C., et al. O impacto do ruído em trabalhadores de Unidades de Suporte Móveis. *CoDAS – Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*. V. 27, n. 3, p. 215 – 222, 2015.
- OLIVEIRA, R. J. T., et al. Care management in nursing within emergency care units. *Revista Investigación y Educación en Enfermería*. V. 33, n.3, p. 406 – 414, 2015.
- PAI, D. D., LAUTERT, L. Sofrimento no trabalho de enfermagem: reflexos do “discurso vazio” no acolhimento com classificação de risco. *Revista da Escola de Enfermagem Ana Nery*. V. 15, n. 3, p. 524 – 530, 2011.
- PEREIRA, W. A. P., LIMA, M. A. D. S. O trabalho em equipe no atendimento pré-hospitalar à vítima de acidente de trânsito. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. V. 43, n.2, p. 320 – 327, 2009.
- RAMOS, V. O., SANNA, M. C. Inserção da enfermeira no atendimento pré-hospitalar: histórico e perspectivas atuais. *Revista Brasileira de Enfermagem*. V. 58, n. 3, p. 355 – 360, 2005.
- TIPPLE, A. F. V., et al. Acidente com material biológico no atendimento pré-hospitalar móvel: realidade para trabalhadores da saúde e não saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*. V. 66, n. 3, p. 378 – 384, 2013.
- WEHBE, G., GALVÃO, M. C. Aplicação da Liderança Situacional em enfermagem de emergência. *Revista Brasileira de Enfermagem*. V.58, n. 1, p. 33 – 38, 2005.
- ZAMBIAZI, B. R. B., COSTA, A. M. Gerenciamento de enfermagem em unidade de emergência: dificuldades e desafios. *Revista de Administração em Saúde – RAS*. V. 15, n. 61, p. 169 – 176, 2014.